

O corpo, matéria espiritual, por Clarice Lispector e Adolphe Gesché*

**The Body as Spiritual Matter by
Clarice Lispector and Adolphe Gesché**

Marília Murta **

Resumo

Este artigo trata de analisar a problemática das relações entre espírito e matéria, envolvendo uma reflexão sobre a encarnação de Jesus Cristo e o estatuto do corpo na experiência humana, a partir de trechos da obra literária de Clarice Lispector e de considerações de Adolphe Gesché.

Palavras-chave: Corpo e carne; espírito, matéria e mundo; Jesus Cristo; encarnação.

Abstract

This article analyzes the problematic of the relations between spirit and matter, involving a reflection on the incarnation of Jesus Christ and the

* Artigo recebido em 30/08/2019 e aprovado para publicação em 26/11/2019.

** Doutoranda da FAJE, em teologia, mestra em filosofia UFMG e professora de filosofia na FAJE.

status of the body in the human experience, from excerpts of the literary work of Clarice Lispector and considerations of Adolphe Gesché.

Keywords: Body and flesh; spirit, matter and world; Jesus Christ; incarnation.

A problemática do corpo tem longa tradição no pensamento ocidental, especialmente no que diz respeito à relação corpo/alma. Com o advento do cristianismo, essa discussão ganha contornos específicos, levando-se em conta o fato da encarnação. Um Deus que se faz corpo nos coloca imediatamente diante da necessidade de pensar sobre o lugar do corpo na experiência espiritual.

Neste artigo, busco desenvolver a ideia de que o corpo tem um lugar privilegiado nessa experiência, a partir do textos "A invenção cristã do corpo", capítulo de *Corpo, caminho de Deus* e *Deus para pensar, o Cristo*, ambos de Adolphe Gesché. Na introdução de *Corpo, caminho de Deus*, Paul Scolas fala do corpo como "lugar teológico" (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 9), lugar da comunicação entre Deus e o ser humano. Deus veio a nós pelo corpo, e podemos pensar que é pelo corpo que podemos chegar a Ele, de modo que teologia e antropologia se inter cruzam uma iluminando a outra: Deus nos ilumina sobre nós mesmos, a auto compreensão nos ilumina sobre Deus. Nesse contexto, a figura de Jesus Cristo aparece como o lugar próprio em que se dá de maneira radical o encontro entre o humano e o divino, de modo a que possamos encontrar Deus na carne de Cristo (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 7).

Este será, pois, meu apoio no campo próprio da teologia, mas será acompanhado de uma reflexão que vem da obra literária de Clarice Lispector, o que coloca este trabalho no terreno da teopoética, em que encontros entre a literatura e a teologia são buscados no sentido de alargar a experiência teológica, marcada, desde sempre, pela presença viva daquilo que não se reduz à racionalidade estrita¹.

Iniciarei pela obra clariceana para depois retomar Gesché e em seguida colocá-los em diálogo.

1. O nascimento do menino

Martim, protagonista do romance *A maçã no escuro*, homem que toma para si a tarefa de reconstruir-se (e reconstruir o mundo!) após

¹ Sobre a legitimidade da teopoética, ver, por exemplo, BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Teopoética: Uma maneira de fazer teologia? (Editorial), in *Interações – Cultura e Comunidade*, vol. 11, nº 19, Belo Horizonte, jan/jun 2016, pp. 3-7.

praticar um crime e fugir, segue passo a passo uma (re)descoberta que se dá num crescendo de experiências de relação – das pedras às plantas, das plantas às vacas, das vacas às pessoas. Trata-se de romance longo e denso, de modo a que nos deteremos em uma única passagem do momento em que Martim vai iniciar o trabalho de limpar um curral. Nesta passagem, de modo bastante abrupto e inesperado, a autora introduz uma ousada referência ao nascimento de Jesus:

Seu contato com as vacas foi um esforço penoso. A luz do curral era diferente da luz de fora a ponto de estabelecer-se na porta um vago limiar. Onde o homem parou. Habitado a números, ele recuava à desordem. É que dentro era uma atmosfera de entranhas e um sonho difícil cheio de moscas. E só Deus não tem nojo. No limiar, pois, ele parou sem vontade.

A névoa evolava-se dos bichos e os envolvia lenta. Ele olhou mais no fundo. Na imundície penumbrosa havia algo de oficina e de concentração como se daquele enleio informe fosse aos poucos se aprontando concreta mais uma forma. O cheiro cru era o de matéria-prima desperdiçada. Ali se faziam vacas. Por nojo, o homem que repentinamente se tornara de novo abstrato como uma unha, quis recuar; enxugou com o dorso da mão a boca seca como um médico diante de sua primeira ferida. No limiar do estábulo no entanto ele pareceu reconhecer a luz mortiça que se exalava do focinho dos bichos. Aquele homem já vira esse vapor de luz evolvendo-se de esgotos em certas madrugadas frias. E vira essa luz se emanar de lixo quente. Vira-a também como uma auréola em torno do amor de dois cachorros; e seu próprio hálito era essa mesma luz. Ali se faziam vacas profundas. Uma pessoa pouco corajosa poderia vomitar à fragrância imunda, e ao ver a atração que as moscas tinham por aquela chaga aberta, uma pessoa limpa podia se sentir mal diante da tranqüilidade com que as vacas de pé molhavam pesadas o chão. Martim era essa pessoa pouco corajosa que nunca tinha posto mãos na parte íntima de um curral. No entanto, embora desviando os olhos, ele a contragosto pareceu entender que as coisas se tivessem arranjado de modo a que num estábulo um dia tivesse nascido um menino. Pois estava certo aquele grande cheiro de matéria. Só que Martim ainda não estava preparado para tal avanço espiritual. Mais que temor, era um pudor. E hesitou à porta, pálido e ofendido como uma criança ao lhe ser revelada de chofre a raiz da vida (LISPECTOR, 1998¹, p. 94-95).

O local onde um dia nasceu *um menino* é o da mais intensa matéria orgânica. Cheiros e formas impactam Martim, que não estava preparado para tal “avanço espiritual”. Podemos pensar em Martim como protótipo do humano e facilmente perceber em nós a recusa que ele sente. O nojo, que só Deus não tem, faz parte de nossa recusa. A vida se passa na matéria com todas as suas formas, nenhuma delas livre de cheiro, forma, cor, textura, sabor, e tudo isso, nos diz o texto, está certo, não há erro naquele “grande cheiro de matéria” – poderíamos dizer: não há pecado. A matéria evoca os sentidos e os sentidos não recebem tudo do mesmo modo.

Gostaríamos de escolher o limpo, cheiroso, agradável, mas a vida corre em todas as reentrâncias da matéria orgânica. Por isso a encarnação causa escândalo. O espiritual desce à vida, se imiscui com a matéria e não rejeita nada dela. Não seria possível pensar a encarnação se ela escolhesse onde tocar. Ao tocar a matéria do mundo, entrando nele através do corpo de Maria, Cristo toca *toda* a matéria (poderíamos dizer, tudo é *mundo*, nada é *imundo*²). O local onde vem ao mundo está repleto dessa realidade, e Clarice Lispector nos faz ver e sentir a organicidade impregnada de um estábulo. As figuras de presépio que vemos nas vitrines são claras e limpas, retratando o processo contínuo de *limpeza* que temos tentado historicamente fazer no símbolo cristão.

Estar preparado para tal “avanço espiritual” diz respeito à possibilidade de plenamente compreender e aceitar esse símbolo: que o que é espírito tenha descido à matéria viva da criação. Ao nascer menino do corpo de Maria, Jesus nasce corpo, com tudo que um corpo tem, necessitando de tudo de que um corpo necessita. Está em relação com a natureza – e ele mesmo é natureza – porque precisará comer e beber, porque andar sobre a terra, porque contemplará a beleza do mundo. Mas, como diz o trecho citado, “Deus não tem nojo”, e ele então chegará a tocar leprosos sem a nossa recusa. Com o avanço espiritual que nós não temos.

No final da passagem, Martim sente pudor diante da *revelação*. Parecendo entender o que se tinha passado num lugar como aquele, sente-se como “uma criança ao lhe ser revelada de chofre a raiz da vida”. A revelação apenas insinuada pela expressão “pareceu entender” choca e envergonha. Como se não tivéssemos – nós todos, que somos como Martim – recursos suficientes para entender o que se revela, como a criança ainda despreparada para entender a sexualidade. Ao saber de onde vêm os bebês, a criança, entretanto, se coloca a caminho de vir a construir uma compreensão própria daquilo que foi no primeiro momento ininteligível. A revelação trazida pela encarnação deveria, do mesmo modo, nos colocar a caminho de compreendê-la. Se Cristo é espírito, Jesus de Nazaré é espírito feito corpo ou corpo feito espírito. E é desse avanço espiritual que precisamos dar conta para entender o cristianismo.

2. O corpo, caminho de transmissão do indizível

Vejam agora como a problemática do corpo aparece em um outro ponto da obra clariceana.

A personagem Lóri, em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, vive uma intensa jornada de aprendizagem que podemos resumir como de abertura ao amor ao mundo, a si mesma, àquele que ela chama de “o Deus”, e enfim a Ulisses, homem que a impulsiona à realização da

² E aqui pode ser feita uma reflexão sobre o “imundo”, ou “impuro”, no Antigo Testamento. A própria Clarice Lispector toca diretamente nessa questão em seu *A paixão segundo G. H.* (LISPECTOR, 1998², p. 71 e outras).

aprendizagem e com quem viverá um encontro amoroso-sexual na culminância do caminho percorrido.

Em dois momentos de sua trajetória, Lóri vive uma intensa experiência, sozinha em sua casa, em que toca o mistério que a tudo envolve e em que parece alcançar uma compreensão, mais sentida do que pensada, e que se revela a ela como impossível de ser traduzida em palavras (LISPECTOR, 1998³, p 34-35; 139-140). Nas duas vezes, sente necessidade de *dar* o que viveu a Ulisses, mas, diante da impossibilidade de simplesmente contar a ele, cria maneiras de transmitir o indizível. Na primeira vez, escreve uma longa carta sobre o silêncio (LISPECTOR, 1998³, p. 36-39). Na segunda vez, é seu corpo mesmo que será o mediador do que quer oferecer, e esta é a cena que aqui nos interessa. Vejamos:

E de súbito, mas sem sobressalto, sentiu a vontade extrema de dar essa noite tão secreta a alguém. E esse alguém era Ulisses. Seu coração começou a bater forte, e ela se sentiu pálida pois todo o sangue, sentiu, descera-lhe do rosto, tudo porque sentiu tão repentinamente o desejo de Ulisses e o seu próprio desejo. Permaneceu um instante de pé, por um instante desequilibrada. Logo seu coração bateu ainda mais depressa e alto porque ela compreendeu que não adiaría mais, seria agora de noite (LISPECTOR, 1998³, p. 142).

Talvez por uma necessidade de proteger essa alma nova demais, nele e nela, foi que ele sem humilhação, mas com uma atitude inesperada de devoção e também pedindo clemência para não se ferirem nesse primeiro nascimento — talvez por isso tudo é que ele se ajoelhou diante dela (LISPECTOR, 1998³, p. 144).

"Deus", pensou ela, "então era isto o que parecias me prometer". E seus olhos se fecharam num semi-sono, numa semivigília pois ela vigiava o sono de seu grande amante (LISPECTOR, 1998³, p. 150).

É o corpo, pois, que Lóri oferecerá a Ulisses, mas não num encontro meramente sexual que poderiam ter tido desde o dia em que se conheceram. É um corpo agora reconhecido como capaz de realizar a transmissão daquilo que ela gostaria de oferecer a ele e que não lhe é possível colocar em palavras. E é numa atmosfera sacralizada, como o ato de ajoelhar-se de Ulisses nos diz, que se dará o encontro sexual entre os dois, a ponto desse encontro se revelar para ela como aquilo que Deus parecia ter-lhe prometido. A promessa diz respeito à possibilidade de experimentar o próprio corpo como instrumento de comunicação e prazer, como mediador de um encontro que contém em si mais do que o que se poderia exprimir pela materialidade da experiência, mas que não abre mão dessa materialidade, não há aqui qualquer abstração possível. Vemos a mesma ideia nas palavras de Ulisses para Lóri: "A verdade, Lóri, é que no

fundo andei toda a minha vida em busca da embriaguez da santidade. Nunca havia pensado que o que eu iria atingir era a santidade do corpo (LISPECTOR, 1998³, p. 148)". São dois corpos santificados, redimidos, que se encontram como caminhos de transmissão do amor que os une, e que leva Lóri a dizer mais à frente: "Meu amor, disse ela sorrindo, você me seduziu diabolicamente. Sem tristeza nem arrependimento, eu sinto como se tivesse enfim mordido a polpa do fruto que eu pensava ser proibido (LISPECTOR, 1998³, p. 151)".

O fruto se apresenta aqui como símbolo daquilo que parecia ser o proibido e que, ao ser tocado, se mostra como o prometido. É a entrega plena de um ao outro, e também podemos dizer, de Lóri ao mundo, que se dá no fim da trajetória da sua aprendizagem. E nesse ponto não podemos deixar de tocar naquele que é o último lance antes de Lóri ser vista por Ulisses como pronta para o encontro pretendido e desejado por eles. Trata-se da experiência que ela tem do *estado de graça*, e que tem lugar num dia qualquer em que se demora olhando uma maçã sobre a mesa (LISPECTOR, 1998³, p. 131-134). Para o que nos interessa aqui – pois não devo me estender demais – chamo atenção para dois pontos: que o que Lóri vive se passa no corpo e é dádiva do Deus.

E havia uma bem-aventurança física que a nada se comparava. O corpo se transformava num dom. E ela sentia que era um dom porque estava experimentando, de uma fonte direta, a dádiva indubitável de existir materialmente (LISPECTOR, 1998³, p. 132).

E para ficar claro que a "fonte direta" é o Deus:

O Deus sabia o que fazia: Lóri achava que estava certo o estado de graça não nos ser dado freqüentemente. Se fosse, talvez passássemos definitivamente para o "outro lado" da vida, que esse outro lado também era real mas ninguém nos entenderia jamais: perderíamos a linguagem em comum (LISPECTOR, 1998³, p. 133).

O Deus, portanto, ao *visitá-la*, o faz através do corpo, é no corpo que Lóri sente "a dádiva indubitável de existir materialmente". A própria existência é dádiva, e a experiência do estado de graça, que é o estado revelador que a permite saber-se dádiva, é também ela própria uma dádiva. Poderíamos dizer sem temer a redundância: é um dom do Deus poder saber-se um dom do Deus.

3. Matéria, espírito, nós e o Cristo

Recapitulando o que pretendi trazer da obra clariceana: Jesus Cristo nasceu em um estábulo onde a vida orgânica se apresenta em toda a sua materialidade sensorial; há nisso “avanço espiritual” para o qual não estamos preparados; tal avanço diz respeito à junção espírito-matéria que forma o corpo do menino Jesus; o nosso corpo também é instrumento de experiência espiritual; Deus nos visita através de nosso corpo; com o corpo tocamos a matéria – *a fruta* – do mundo; com nosso corpo podemos realizar a transmissão do não traduzível em palavras para uma outra pessoa; a sexualidade é lugar privilegiado dessa transmissão.

Até aqui, portanto, temos a insinuação da ideia de uma relação intrínseca entre matéria e espírito que se estabelece no corpo do ser humano. Para avançar com uma compreensão propriamente teológica, vejamos como algumas ideias de Adolphe Gesché podem nos ajudar.

4. O Cristo

Em seu *Deus para pensar, o Cristo*, Gesché propõe a ideia de que Jesus Cristo se apresenta para nós como lugar privilegiado de compreensão do humano, de Deus e da relação entre ambos, na medida em que coexistem nele (GESCHÉ, 2004, p. 5-6). Nos interessa aqui o entendimento que desenvolve da encarnação como *kénosis* do Verbo, processo de despojamento do divino que, ao esvaziar-se de si torna-se matéria do mundo, corpo humano, com base em René Girard:

A ideia de encarnação, para Girard, é justamente a ideia da dissolução do sagrado como violência, pois o sagrado (os antropólogos convidam-nos a não dispensar rapidamente a palavra) é de agora em diante o sagrado da *kénosis*, do despojamento, do dom. Isto é, do Deus amigo dos seres humanos (liturgia oriental): que vem a nós não na barbárie e na violência de uma glória divina que guardará ciumentamente como presa (Fl 2,6); que encontra seu lugar, sua tenda e sua morada entre nós (Jo 1,14); que nos diz que devemos banir o medo (Mt 17,7; Mc 6,50 e outras passagens); que nos anuncia que podemos, como seu Cristo, tratá-lo como Pai (GESCHÉ, 2004, p. 43-44).

O avanço espiritual anunciado por Clarice Lispector em *A maçã no escuro* poderia ser aqui entendido como o dom do Deus que se despoja de si para entrar no mundo por meio de um corpo humano. É dom porque é o que se nos oferece como meio de acesso ao que é o próprio Deus. É avanço porque diz de uma possibilidade inusitada para o espírito/verbo: se fazer corpo em um movimento de despojamento.

Se o cenário proposto para tal entrada no mundo em *A maçã no escuro* nos convida a pensar na totalidade da matéria do mundo como que tocada pelo espírito que nela penetra, ficamos, aqui, no recorte que focaliza o fato de que o corpo que nascerá como portador desse movimento espiritual é o corpo de um menino, um corpo humano. Um corpo, como nos diz Gesché, capaz de Deus; e Deus, por sua vez, é um Deus capaz do humano³.

Tal movimento nos dirá de Deus, mas também do humano. Esse corpo capaz de receber o verbo que se despoja é o corpo de todos nós. A figura do Cristo seria para nós um meio de compreensão do que somos, de modo a que a antropologia se ancoraria na teologia, mostrando que a cristologia diz do Deus e do humano, além de dizer, claro, do próprio Cristo (GESCHÉ, 2004, p. 18-22).

5. O corpo

Caminhemos ainda com Gesché, agora em seu "A invenção cristã do corpo", capítulo do já citado volume *O corpo, caminho de Deus*. Gesché inicia por colocar em relevo a audácia e o alcance antropológico das palavras do prólogo joanino: Jesus é o *logos*, o verbo de Deus que se fez carne (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 33). Nas palavras do autor: "audácia inacreditável e afirmada com o maior sangue frio, sem qualquer hesitação (tradução minha⁴)" (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 33). Podemos aqui nos remeter mais uma vez à ideia clariceana de nossa falta de preparo para compreender tal audácia. Gesché insinua que verdadeiramente ainda não nos demos conta do alcance dessa ideia, e é o que ele tentará fazer em seu texto, levando-a a suas últimas consequências, à "grandeza metafísica" que contém.

A carne é a substância íntima do corpo. Trata-se então, à propósito do Verbo, de uma en-carnação, como sempre dirá depois a tradição. De uma en-carnação de Deus. A mais inaudita interpretação do que é Jesus, mas também e sobretudo a mais inaudita representação do percurso que pode percorrer o Verbo de Deus. Tornar-se carne, tomar carne! Ao associar Logos e carne, João dá a esta última uma grandeza metafísica (tradução minha⁵). (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 35)

Aqui vemos o *avanço* anunciado por Clarice Lispector, a grandeza atingida: o Verbo de Deus toma para si a carne, se faz carne. Se nos

³ Essa ideia está presente em todo o livro, mas especialmente no Capítulo 5, quando é desenvolvida.

⁴ "Audace incroyable et affirmé avec le plus grand sang-froid, sans balbutiement d'aucune sort."

⁵ "La chair es l'intime substance du corps. Il s'agit donc bien, à propos du Verbe, d'une in-carnation, comme le dit depuis toujours la tradition. D'une in-carnation de Dieu. Interprétation la plus inouïe de ce qu'est Jésus, mais aussi et surtout représentation la plus inouïe qui soit du parcours que peut prendre le Verbe de Dieu. Devenir chair, prendre chair! En associant Logos et chair, Jean donne à celle-ci une grandeur métaphysique."

deixamos verdadeiramente tocar por essa ideia podemos sentir essa inquietude que leva aos paroxismos das palavras *grandeza* e *avanço*. Trata-se de algo que beira o impensável, uma junção de ideias que pareceriam inconciliáveis: a distância de Deus e a intimidade de nossa carne. É disso que trata o cristianismo, e é para isso que não temos estado preparados – como Martim – ou é isso que nosso “ouvido jamais escutou e que jamais chegou ao entendimento humano (tradução minha⁶)” (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 35).

Seguindo com Gesché, temos que é pela carne de Jesus Cristo que Deus vem a nós. Faz caminho por meio do corpo de Jesus, corpo que obtém de nós, é da nossa carne que se trata, da carne humana (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 36-37). O corpo de Jesus é um corpo como o nosso, corpo que, como já vimos, é capaz de Deus. E mais, que desde Jesus o “corpo é daí em diante um patrimônio comum de Deus e dos homens (tradução minha⁷)” (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 37).

No movimento inverso, Gesché nos propõe que o corpo seja também o nosso caminho para Deus, como é de Deus para nós. O caminho para Deus pelo corpo nos é possível e permitido porque temos o mesmo corpo que Deus tomou para si para caminhar até nós (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 44). Podemos, portanto, encontrar Deus em nosso corpo, em um movimento transcendente que se passa na imanência, como o estado de graça de Lóri que a permite descobrir Deus como origem da dádiva de existir. É na bem-aventurança sentida em seu corpo que chega a saber algo do Deus que a visita.

Para além desse movimento em que se pode reconhecer Deus no próprio corpo, Gesché nos aponta a obrigatoriedade colocada pela consciência cristã de que encontremos Deus também no corpo do outro, na percepção de que o corpo de Cristo se estende no corpo do próximo, e o próximo é toda e qualquer pessoa humana (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 49-50). Essa ideia tem como consequência que o corpo do próximo seja, para cada um, também caminho para Deus (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 50-51). Abrindo-nos ao outro, é a Deus que estamos nos abrindo, em um movimento em que o amor traça seus caminhos sem barreiras, criando espaço para que Deus faça morada em nós (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 51).

Voltando aos movimentos de Lóri, acompanhamos a sua abertura a Deus na experiência do estado de graça para depois ser capaz da entrega plena a Ulisses. Mas em toda a sua trajetória anterior ao estado de graça, viveu intensos momentos de abertura ao mundo e ao outro, sensibilizando-se em movimentos crescentes que, poderíamos dizer com Gesché, a tornavam mais e mais capaz de Deus. A cada abertura feita ao mundo, por aí Deus se insinuou e fez morada, até que sua presença tenha sido mais claramente percebida no estado de graça. Tais aberturas eram sempre

⁶ “... l’oreille n’avait jamais entendu, ce qui n’était jamais monté à l’entendement humain”.

⁷ “Le corps est désormais patrimoine commun de Dieu et des hommes.”

vividas corporalmente, sensorialmente, seja fazendo compras de frutas e legumes na feira, vendo os pescadores chegarem com peixes na praia, conseguindo estabelecer contato com uma desconhecida no ponto de ônibus, comprando casaquinhos e guarda-chuvas para seus alunos. Os movimentos amorosos abriam passagem pela via sensorial, pela carne mesma de uma pessoa humana que é um corpo.

Penso que aqui podemos delimitar uma ideia de corpo humano que é coerente com o que nos diz Gesché nos textos aqui tratados e também com as intuições de Clarice Lispector. O corpo humano, que é também o corpo de Jesus Cristo, é um corpo vitalizado pelo movimento amoroso que se realiza como abertura ao mundo, ao outro, a Deus. A carne, matéria do mundo que recebe a encarnação do Cristo, é a mesma carne de que somos feitos, é nossa intimidade e nossa possibilidade de contato com o que nos cerca. Percebendo a audácia da ideia cristã de um corpo habitado por Deus, podemos nos ver como corpo capaz de Deus, ou seja, capaz de transcender em si mesmo, em um movimento de transcendência na imanência que não nos retira do corpo – que afinal é o que somos –, mas nos possibilita tocar a percepção do que não somos, transmitir o indizível, colocar em movimento os fluxos da presença de Deus, que podemos chamar de amor. Trata-se de corpo capaz de abrir-se para que Deus faça nele sua morada. Abertura aparece aqui como palavra fundamental para melhor percebermos esses movimentos; onde há apenas portas fechadas, Deus não penetra e não O vemos. Para O vermos no corpo próprio e no corpo do próximo é necessário que portas se abram.

Antes de encerrar, é preciso apontar que os movimentos de abertura não são obviedades na experiência humana. Lóri, em seu caminho, tem medo da dor e o medo é o que a fez fechar-se (LISPECTOR, 1998³, p. 40) até se descobrir incapaz da entrega amorosa, e é precisamente disso que se trata em sua travessia de aprendizagem e descoberta do prazer: enfrentar o medo da dor e da destruição, e mesmo a própria dor, ao abrir os caminhos do prazer. O romance nos diz claramente que, ao fechar os caminhos da dor, os do prazer e da alegria também se fecham. E o nascer da alegria também se faz na dor, e portanto dele também se tem medo:

Pelos minutos de alegria por que passara, Lóri soube que a pessoa devia deixar-se inundar pela alegria aos poucos – pois era vida nascendo. E quem não tivesse força de ter prazer, que antes cobrisse cada nervo com uma película protetora, com uma película de morte para poder tolerar o grande da vida. (LISPECTOR, 1998³, p. 120)

Nós somos frágeis e fracos até mesmo – ou talvez principalmente – diante do que é grande na vida. Recuamos não apenas por nojo, mas também por medo diante do que nos ultrapassa. E aqui mais uma vez Gesché nos ajuda ao mostrar que o Deus que encarna e assume nossa carne

é um Deus que se mostra também frágil – ou melhor: também *capaz* da fragilidade – e, com isso, nos ajudar a enfrentar a nossa fragilidade própria:

A humanidade de Deus espera pela encarnação do verbo para se manifestar e é ela que temos o direito de chamar de corpo de Deus. Um Deus que sofreu, eis o que é verdadeiramente mais importante. Graças ao corpo de seu Verbo, se aprende que Deus pode ser frágil, vulnerável.

Mas também, e eis que isso é primordial, isso se dá precisamente porque vamos poder enfim escutar Deus em sua verdade, quer dizer, na “fraqueza” e não, na forma do todo-poderoso. E portanto em nossa fraqueza e nossas faltas. Estamos aqui no coração da revelação cristã, que renova e inverte inteiramente a ideia de Deus (tradução minha⁸). (GESCHÉ; SCOLAS, 2005, p. 46-47)

Lóri, deixando de fechar-se por medo da dor, enfrentando o risco inerente à existência humana, existência de um ser frágil, perdido, errante, se torna capaz de abrir as portas para os movimentos do amor por onde Deus entra e faz morada. E Ele assim o faz porque é um Deus capaz da fraqueza e pode portanto compreender a nossa fraqueza. É em nós mesmos, em nossa pequenez e imperfeição, que Ele faz morada. O Deus que caminhou até nós na forma humana de seu Verbo se torna para nós um Deus acessível, um Deus para quem temos também caminho, nosso corpo próprio aberto ao mundo e ao próximo.

O corpo se afigura, assim, a totalidade do ser humano, sua inteireza. Não há como falar desse ser de forma dual. O ser humano é um corpo feito de carne, feito de uma carne capaz do espírito, um corpo feito do que poderíamos talvez chamar de matéria espiritual. Matéria por assim dizer porosa ao espírito que a visita e vivifica. Nosso corpo não é, certamente, corpo de Deus, mas é o caminho possível para a experiência da presença viva de Deus no mundo através da figura do Verbo encarnado.

Voltando ao início deste artigo, é apenas sendo capaz de perceber o avanço espiritual contido no fato do nascimento do Menino-Deus na matéria bruta de um estábulo que poderemos vislumbrar a força audaciosa do cristianismo e suas consequências, a saber, a não possibilidade de descartar pedaços do mundo como não bons, ou grupos de seres humanos como se não fossem todos – absolutamente todos – também corpos que são caminhos para Deus.

⁸ “L’humanité de Dieu attend l’incarnation du Verbe pour se manifester, et c’est ce que nous avons le droit d’appeler le corps de Dieu. Un Dieu qui a souffert, voilà qui est vraiment très importante. Grâce au corps de son Verbe, on apprend que Dieu peut être fragile, vulnérable.

Mais aussi bien, et voilà qui est capital, c’est précisément pourquoi nous allons pouvoir enfin atteindre Dieu dans la vérité, c’est-à-dire dans la ‘faiblesse’ et non dans la tout-puissance. Et donc dans notre faiblesse et nos manques. Nous sommes ici au cœur de la révélation chrétienne, qui tout entière renouvelle et inverse l’idée de Dieu.”

6. Conclusão

Faço aqui uma pequena conclusão apenas para sublinhar a força poética da obra de Clarice Lispector, força essa capaz de nos colocar frente à audácia – retomando mais uma vez a palavra usada por Gesché – cristã. A imagem proposta em *A maçã no escuro* para nos dizer do nascimento do Cristo me parece de uma pungência inigualável. As páginas que tratam da trajetória de Lóri em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* me parecem desdobramentos da ideia já contida nos dois romances anteriores, *A maçã no escuro* e *A paixão segundo G. H.*, e que diz da existência humana no mundo e com os outros, mas também em contato com um Deus que está presente, que agracia, que doa, que visita. Um Deus que ama e nos leva a pôr o amor em movimento. Que nos chama à abertura e se dá a ver por ela. Nas frestas abertas, Ele entra e faz morada. Lóri aprendeu a abrir-se. Talvez tenha se tornado capaz de lidar com o avanço espiritual que se revela a nós na figura do Cristo.

Por outra parte, os textos trabalhados de Adolphe Gesché têm a força – e a audácia! – necessária para dialogar com a obra clariceana, ajudando a trazê-la para o contexto da teologia, fazendo-nos ver melhor a sua pertinência teológica.

Referências

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Teopoética: Uma maneira de fazer teologia? (Editorial), in *Interações – Cultura e Comunidade*, vol. 11, nº 19, Belo Horizonte, jan/jun 2016, pp. 3-7.

GESCHÉ, Adolphe. *O Cristo*. (Coleção “Deus para pensar”, v. 6). São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. L’invention chrétienne du corps. In: GESCHÉ, Adolphe e SCOLAS, Paul (dir.). *Le corps chemin de Dieu*. Paris: Cerf, 2005.

LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. (1961) Rio de Janeiro: Rocco, 1998¹.

_____. *A paixão segundo G. H.* (1964) Rio de Janeiro: Rocco, 1998².

_____. *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*. (1969) Rio de Janeiro: Rocco, 1998³.